

## O Duque de Santa Cruz: Augusto Duque von Leuchtenberg e o Brasil

Por Carlos H. Oberacker Jr.

Após a morte de sua primeira esposa, a imperatriz Leopoldina (1797–1826), uma arquiduquesa da Casa Habsburg, Dom Pedro -- jurando com vivas palavras correção -- implorou ao sogro e à sogra em Viena que lhe procurassem e propusessem nova noiva. Ao mesmo tempo enviou com plenos poderes seu fiel criado Felisberto Caldeira Brant Pontes, o Marquês de Barbacena, à Europa para ultimar os pormenores do contrato matrimonial e para organizar a transferência da nova imperatriz para o Rio de Janeiro. Ninguém considerava problema arranjar noiva para preencher a luzidia dignidade de imperatriz. Mas a vida escandalosa que Dom Pedro levava com uma concubina de baixa condição e de escassa educação, chamada Domitila, assim como os maus tratos psíquicos e até físicos que infligira à legítima esposa tinham sido durante anos o abominável tema da conversação no meio da alta aristocracia européia. O comportamento de Dom Pedro fora veementemente repudiado, designando-se lhe -- e não sem razão -- “o assassino de sua mulher”<sup>1</sup>. A estas dificuldades na pessoa do candidato acresciam ainda as dificuldades da grande distância do Brasil, a qual impedia cada uma de rever os parentes e a terra natal. Da situação social e cultural do Brasil quase nada se sabia, havendo ainda cinco filhos da antecessora a serem educados pela nova mulher do imperador.

De acordo com o imperador da Austria, Francisco II, a imperatriz Carolina Augusta, também denominada Carlota, logo começou a retocar a

---

<sup>1</sup> Sobre a problemática D. Pedro -- Dona Leopoldina e a maitresse veja-se Carlos H. Oberacker Jr., *A Imperatriz Leopoldina -- Sua vida e sua época* (Rio 1973), p. 493. Idem, *Kaiserin Leopoldine. Ihr Leben und ihre Zeit*. Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, S. Leopoldo, RS, 1980.

imagem do imperador brasileiro, considerando-o emendado, toda a culpa deu a Dona Leopoldina<sup>2</sup> e tomou até a seu peito procurar uma noiva na sua própria Casa que era a de Wittelsbach com a sede em Munique. O imperador da Austria teve pessoalmente grande interesse num novo casamento de Dom Pedro para que este, de acordo com os princípios da Santa Aliança entrasse no bom caminho que lhe convinha como soberano e que afastasse a *maitresse* e a sua filha, a Duquesa de Goiás, que mandara Dom Pedro educar em promiscuidade com os filhos legítimos na Corte<sup>3</sup> do Rio de Janeiro, para que os seus netos fossem educados sob a tutela de uma virtuosa madrasta<sup>4</sup>. Não sabemos quais as princesas da Casa de Wittelsbach que deram a Dom Pedro uma recusa, mas talvez fossem Maria e Ludovica, duas meias-irmãs do rei Luís I, então ainda solteiras. Havia, no entanto, ainda o ramo lateral, Beauharnais-Leuchtenberg com a viúva Augusta e a qual recusava a filha somente devido à sua pouca idade de menos de 16 anos, idade que considerava mui tenra para lidar com um carácter como Dom Pedro e educar cinco pequenos enteados. Respondia Augusta que fixara a idade mínima para o casamento de suas filhas em 17 anos. Mas “uma leve sensação de *vanité* das vantagens que resultariam para os meus filhos de tão luzidio casamento, invade o meu coração”. A ela, tratando-se de um “luzidio casamento”, apesar de naturalmente afirmar o contrário, não horrorizava a péssima fama de Dom Pedro<sup>5</sup>; pois teria ela entregue a filha, se ela já tivesse tido 17 anos, mas Dom Pedro tinha muita pressa em casar e não queria esperar um ano.

---

<sup>2</sup> Veja-se a literatura sob I.

<sup>3</sup> Sylvia Lacerda Martins Almeida, *Uma filha de Dom Pedro I. Dona Maria Amélia*, (Brasília, vol. 354), (S. Paulo 1973), diz que as casas da alta aristocracia comparavam D. Pedro com Luís XIV (de França); e que condenavam D. Pedro, principalmente, pela cessão de cartas de alta nobreza às filhas ilegítimas e a sua educação em promiscuidade com os filhos de sangue puro.

<sup>4</sup> Adalbert Prinz von Bayern, *Die Herzen von Leuchtenberg* (München 1963), p. 39, diz que Francisco II dava graças a Deus por se ter conseguido tão perfeita e virtuosa mãe para os seus netos, como era a princesa Amélia.

<sup>5</sup> O maior desejo da ambiciosa princesa Augusta era casar os seus filhos com monarcas reinantes ou candidatos a tal dignidade. Este objetivo conseguiu de fato com os conselhos de seus também muito ambiciosos conselheiros bonapartistas na medida do possível. A filha mais velha, Josefina, já casara com o príncipe herdeiro da Suécia, Eugênia, a segunda, com o príncipe herdeiro de Hohenzollern-Hechingen; Augusto viria consorciar-se com a rainha de Portugal, Amélia com o imperador do Brasil e rei de Portugal, Teodolinda com um conde de Wurtembergue e Max(imiliano) com uma grã-duquesa da Rússia.

Após este insucesso em Munique, para onde a imperatriz em nome do imperador tinha feito até uma viagem especial, o imperador encarregou o príncipe von Metternich de procurar uma noiva nas casas aparentadas na Itália, de preferência Nápoles e Sardenha, e em Vurtembergue. O Marquês de Barbacena desde então sempre tinha culpado de todas as recusas a Metternich e até ao casal imperial, por terem sabotado o casamento de Dom Pedro. Quanto aos últimos há documentos irrefutáveis de sua boa vontade, e quanto a Metternich seria preciso um estudo minucioso, se este de fato teve (e por que motivo?) a coragem de contrariar a vontade expressa de seu amo. Aconteceu, no entanto, que o próprio Barbacena, quando foi encarregado de procurar ele próprio a noiva para Dom Pedro e se dirigira à Suécia, Dinamarca, França e Bade recebeu também exclusivamente recusas. A verdade é que ele não ignorava os verdadeiros motivos, pois quando foi ao Rio de Janeiro em 1828 conseguiu de Dom Pedro o exílio da Marquesa de Santos da capital e o afastamento da Duquesa de Goiás da Corte, motivo principal da rejeição do Imperador pela aristocracia da Europa.

Voltaremos agora àquela Casa que forneceria a nova esposa de Dom Pedro, a Casa von Leuchtenberg dos Wittelsbach sob a presidência da princesa viúva Augusta (1788—1858). Seu marido tinha sido Eugène Beauharnais, um dos muitos generais e parentes que a política napoleônica fizera subir vertiginosamente das baixas camadas sociais para a alta aristocracia, só que Eugène constituía entre estes aventureiros sob diversos aspectos uma exceção. Possuía ele um nobre caráter e uma melhor educação e compostura do que os seus companheiros. Tinha 11 anos quando os revolucionários de Paris, em conseqüência da perda de Mogúncia (Mainz), mandaram guilhotinar (1794) seu pai, pois tinha sido o general em chefe do Exército do Reno; mandaram ainda confiscar a sua espada, fato que se considerava vergonhoso. Mui indignado, o seu filho procurou o comandante da cidade, protestando veementemente contra tal procedimento. Ao comandante que então era Napoleão Bonaparte impressionou tanto a coragem do petiço que lhe mandou devolver a arma <sup>6</sup>. Por meio dele Napole-

---

<sup>6</sup> Esta espada Eugène de Beauharnais usava em todas as campanhas que fazia sob o comando de Napoleão. A afirmação que Amélia tivesse entregue esta espada a Dom Pedro, quando dela se despedia em Paris para fazer a sua campanha anti-miguelista e que ela era idêntica ao sabre que Dom Pedro deixou no seu leito mortuário ao Duque Augusto, não deve corresponder à verdade histórica, pois a espada dos Beauharnais foi considerada pela Casa von Leuchtenberg como uma relíquia de que nunca se separariam. A espada de D. Pedro deve ter sido outra.

ão conheceu a sua mãe, Josefina de Tascher de la Pagerie (1763–1814) com quem casaria em 1796 e a qual, em 1804, fez imperatriz. Os dois filhos de Alexandre Vicomte de Beauharnais, Eugène e Hortense<sup>7</sup>, a posterior mãe de Napoleão III, Bonaparte então já imperador adotaria como filhos próprios, acrescentando-se-lhes aos seus nomes o de Napoleão (1807).

Tudo indica que Napoleão pensou seriamente em fazer Eugênio o seu sucessor, pois em 1805 nomeou-o vice-rei da Itália com sede em Milão e a expectativa do título definitivo de rei da Itália<sup>8</sup>. Em 1806 obrigou Napoleão o rei da Baviera a dar a sua filha mais velha, a mencionada princesa Augusta, ao seu enteado em casamento. Por incrível que pareça este casamento que, exceto Napoleão, ninguém queria, tornou-se uma união feliz e harmoniosa. Esta época de 1806–14, isto é enquanto Augusta dirigia a grande corte do reino da Itália com a expectativa de suceder a Napoleão, tinha sido para a ambiciosa Augusta o tempo da mais alta glória da qual sonharia durante toda a sua vida. As relações entre Eugène e seu padraсто eram as mais cordiais, resfriariam, no entanto, um tanto após a separação de Napoleão de Josefina, ficando porém Eugênio fiel a Napoleão durante a sua vida inteira. Também na escala militar Eugênio subiria até que chegou ao posto de general. Como tal o imperador lhe confiou durante a última fase da retirada catastrófica da Rússia o difícil comando sobre os restos do Grande Exército.

Em 1814 houve em Milão uma insurreção que obrigou Eugène a refugiar-se com a família em Munique, onde se pôs sob a tutela do sogro que conseguiria nas negociações de Viena salvar as extraordinariamente ricas possessões particulares do genro na Itália<sup>9</sup>. Beauharnais já tinha comprado anteriormente uma grande e fértil fazenda chamada Ismaning, não muito distante de Munique. Agora adquiria com o dinheiro salvo na Itália o ducado de Leuchtenberg<sup>10</sup> e o principado de Eichstätt<sup>11</sup> com o título

<sup>7</sup> Casou em 1802 com Luís Bonaparte, rei dos Países Baixos e Conde de Saint-Leu.

<sup>8</sup> Esta Itália de Napoleão, um vice-reinado, abrangia a Lombardo-Veneza e partes da Istria, Dalmácia e outras regiões.

<sup>9</sup> Desta maneira os Beauharnais tornaram-se uma das mais ricas casas da Europa: Denys Dalbian, *Dom Pedro I* (Paris 1959), p. 130 s.

<sup>10</sup> A velha estirpe dos landgraves de Leuchtenberg, cuja ruína de castelo fica perto de Weiden no Palatinato Superior, se exterminara há muito tempo, e o landgraviato ficara desde 1646 com a Baviera. Ai Beauharnais, ao que parece, não adquiriu terras e sim somente o título.

<sup>11</sup> O velho bispado de Eichstätt fora em 1805 “imediatizado” e entregue à Baviera. Em 1817 foi cedido por cinco milhões de francos a Eugênio de Beauharnais como morgado-fideicomiso, tornando-se desta maneira a Casa de Leuchtenberg a primeira e

vitalício, porém não hereditário, de Alteza Real<sup>12</sup>. Enfim o novo duque da Baviera comprou ainda no Odeonsplatz em Munique um palácio a que deram o nome von Leuchtenberg onde os novos príncipes bávaros mantiveram uma corte brilhante que concorria com a da própria casa reinante. Considerava-se ele o primeiro *pair* entre a aristocracia bávara e a corte mais brilhante. Desta maneira Eugênio conseguira – com a benevolência que lhe dedicara o rei – erigir, para a sua família, uma existência firme e brilhante dentro da aristocracia européia. Não foi, por isso, totalmente incompreensível que, após o seu falecimento prematuro em 1824, a sua esposa criasse em torno da sua memória um culto que deveria fazer esquecer a pequena mancha de purismo na árvore genealógica da família<sup>13</sup>. Todos, principalmente os filhos, deveriam contribuir para a glória e grandeza da Casa von Leuchtenberg. Uma esmerada educação podia no pensamento da princesa Augusta contribuir muito para o brilho da casa. Os filhos foram educados como franceses no sentido bonapartista, e a sua educação facilitaria bons casamentos com casas reinantes, como já foi dito, Augusta conseguiu realizar os seus objetivos da maneira mais perfeita na pessoa do filho Augusto, o mais velho, enquanto que Max que veio a casar com uma grã-duquesa russa (para o seu grande desapontamento) não fazia caso do passado napoleônico, deixando assimilar-se pelo eslavismo grego-ortodoxo russo. A língua no palácio era aliás o francês<sup>14</sup> (como também a da própria corte real) e os princípios morais os católicos. No palácio von Leuchtenberg dominavam os franceses, o conde de Méjan, pai, e a Mlle. Maucombe, chamada Fanny, a quem cabia a educação das filhas, e o *chevalier* Louis Planat de la Faye.

---

mais rica casa aristocrática da Baviera. Em Eichstätt o seu novo proprietário obteve toda a sua administração que lhe causou anualmente um deficit. Mais tarde seu filho Augusto cedeu por este motivo a administração ao Estado bávaro de maneira que as terras cultivadas e as florestas (inclusive palácio e florestas) lhe davam bons rendimentos. Em 1855 também estas propriedades particulares voltaram à Baviera, tornando-se o palácio de Eichstätt outra vez sede bispal (Adalbert, op. cit., p. 350).

<sup>12</sup> Os títulos von Leuchtenberg e Príncipe von Eichstätt afirma erroneamente Dalbian não eram hereditários (p. 130); o que não era hereditário era somente a alocação Alteza Imperial ou Real.

<sup>13</sup> Nesta conexão a princesa Augusta não se lembrava do fato de a vida do pai de Eugênio, Alexandre Marquês de Beauharnais, ter sido tudo menos que um bom exemplo. Nascera ele na ilha de Martinique, onde casara com Josefina e levava a bem conhecida vida de aventureiro extremamente agitada. Posteriormente foi deputado da Assembléia Nacional e general (em chefe) do Exército do Reno.

<sup>14</sup> Toda a correspondência entre mãe e filho que a Biblioteca Estadual Bávara me deixou à disposição é escrita em francês e muitas vezes difícil de decifrar.

Quando a sua filha Amélia fez 17 anos, a tia imperatriz de Viena logo escreveu que Dom Pedro se encontrava ainda sem noiva e que convinha dirigir-se diretamente ao procurador dele. Hortense que casualmente se encontrava em Munique apoiou esta nova iniciativa, fazendo o mesmo a prima de Augusto, a princesa Estefânia de Bade em Mannheim. Desta vez Augusta não resistia a um casamento tão brilhante que tanto correspondia às suas ambições. Como seu procurador mandou chevalier Louis Planat de la Faye, além do velho Pierre Etienne de Méjan, antigo oficial de seu marido, à Canterbury (Cantuária) na Inglaterra, após ter conseguido a licença necessária do chefe de toda a casa de Wittelsbach, a Barbacena, para fixar o contrato matrimonial. E de fato, em 29 de maio de 1829 foi assinado por Planat de la Faye e Barbacena o contrato de casamento, em que entre outras condições foi garantida o afastamento da Marquesa de Santos e da Duquesa de Goiás da Corte. Outrossim garantiu-se à Amélia uma significativa dotação assim como o direito de formar ela própria a sua corte, prerrogativas que a Dona Leopoldina não tinham sido outorgados, fato que muito contribuiu para a sua desgraça.

Amélia von Leuchtenberg nascera em 31 de julho de 1812, provavelmente na Capital do vice-reinado da Itália<sup>15</sup>, isto é em Milão ou na residência de verão, em Monza. Há, no entanto, quem afirme que a localidade de seu nascimento era Munique ou outro sítio da Baviera, onde tivesse nascido durante uma visita dos pais à Alemanha. Em todo o caso fora submetida à rigorosa educação acima descrita. Logo após a assinatura do contrato matrimonial, o seu irmão predileto, Augusto, dois anos mais velho, mas também ainda menor de idade, resolveu acompanhar a sua irmã à terra tão distante e desconhecida<sup>16</sup>. Augusto Eugênio Carlos Napoleão que nascera em 9 de dezembro de 1810 em Milão seria o futuro chefe da Casa von Leuchtenberg; o fato de a mãe e tutora permitir sem dificuldade ao desejo aventureiro do filho, não sem risco, explica-se pelo interesse na-

---

<sup>15</sup> Fontes: Maria Junqueira Schmidt, *A segunda Imperatriz do Brasil – Amélia de Leuchtenberg* (S. Paulo 1927), p. 34 e Dalbian, *Dom Pedro Empereur du Brésil, Roi de Portugal* (Paris 1959), que indica como lugar de nascimento de Amélia Nápoles (p. 121), sítio que nunca pertenceu às possessões dos Leuchtenberg.

<sup>16</sup> Por ocasião de seu nascimento Augusto, como filho mais velho, recebeu o título Príncipe de Veneza (Dalbian, *Dom Pedro I*, op. cit., p. 130.). A não sempre fidedigna Dalbian (p. 132) afirma que o Duque Augusto foi diretamente convidado por Dom Pedro à Corte de Boa Vista, afirmação para a qual não encontrei confirmação nas cartas que estiveram à minha disposição, nem no livro de Alberto. O fato é, no entanto, que Barbacena estava autorizado a convidar parentes e criados que a noiva queria levar.

tural-científico de Augusto e uma série de desejos da mãe. Ela queria em primeiro lugar informações de primeira mão sobre o genro de tão péssima fama a quem entregara a sua jovem filha de 17 anos. Achava também que um filho tão bem educado como Augusto e com uma compostura aristocrática-européia podia impressionar Dom Pedro e ajudar a melhorá-lo. Numa carta ao filho em Ostende escrevia ainda as palavras proféticas: “Talvez depende o teu futuro de teu atual comportamento!”<sup>17</sup>

E de fato Augusto impressionou tanto Dom Pedro que este perseguiria até à morte o jovem duque com a idéia de um casamento com a sua filha Maria da Glória<sup>18</sup>. Não achamos que Augusto e a sua mãe pensassem já então num casamento entre ambos, já que Maria da Glória tinha só 10 anos. Um motivo talvez mais sério era, no entanto, a paixão que Augusto mostrava pela jovem e bela atriz Lotte von Hagen. Em Mannheim, no entanto, os parentes napoleônicos cochichavam de um casamento de Augusto com a herdeira do trono português. A princesa Augusta parece ter tido em mente em primeiro lugar outro objetivo, isto é um comportamento europeu de Dom Pedro em relação à sua esposa. Ainda em Inglaterra Augusto recebeu uma carta em que ela manifesta este desejo claramente: “Desaja-se que acompanhes a tua irmã Amélia ao Brasil, por que se acredita que tua presença seja útil e causa uma ótima impressão ao Imperador”. Pensava, pois, que o bom exemplo de seu filho influenciasse o Imperador, motivo por que também recomendou ao filho que não travasse relações com mulheres brasileiras, pois “qu’elles sont terribles”. Mas, enfim, havia ainda outro importante motivo para que o filho fizesse a viagem junto com o velho Conde de Méjan, isto é que convencessem Dom Pedro da necessidade de conceder a Augusto um título com a prerrogativa da alocação “Alteza Real ou Imperial”. O título nobiliárquico de seu pai extinguiu-se com a morte dele e o tio recusava conceder título igual ao seu sobrinho.

---

<sup>17</sup> Adalbert, op. cit., p. 47.

<sup>18</sup> Maria da Glória fôra enviada à Europa para ser educada e preparada para a sua alta dignidade em Viena até alcançar a maioridade a fim de casar com o seu tio Miguel que por desejo de Dom Pedro até esta data devia governar Portugal, em nome da futura esposa. Quando Barbacena veio a saber durante a viagem que D. Miguel, violara o seu juramento prestado à Constituição concedida por Dom Pedro, declarando-se rei absoluto (pretensamente por iniciativa de Metternich), levou a pequena rainha à Inglaterra, receando que ela em Viena pudesse ser aproveitada por Metternich como meio de chantagem para resolver “o caso português” no seu sentido, abolindo a Constituição. Em seguida Dom Pedro deu ordens a Barbacena para levar a rainha de novo ao Rio de Janeiro.

A extremosa educação do príncipe contribuiu sem dúvida para a ótima impressão que Dom Pedro teve dele. Augusto teve como educador primeiro o velho Conde de Méjan, cujo filho era amigo de Augusto, e como o cassim chamado acompanhante o cavaleiro Planat de la Faye, recebendo como todos os irmãos excelente educação privada que terminou com um rigoroso exame que abrangia a matemática, a geografia, a história, a literatura, o grego e o francês. Com as matérias mencionadas continuava Augusto ainda a ocupar-se após aquele exame e antes de começar o estudo universitário que, se referiu, ao que parece, de preferência às ciências naturais. Assim podemos dizer que, além de um aventurismo do jovem foram a botânica, a zoologia e a geologia que impulsionaram Augusto a empreender a viagem ao Brasil, então ainda ligada a certos perigos. Em 1827 o cavaleiro Planat de la Faye desistira de sua tarefa de acompanhante do jovem duque devido ao “*caractère bouillant*” deste. Seu sucessor tornou-se em setembro de 1827 o capitão de cavalaria de couraceiros Frederico Conde von Spreti<sup>19</sup> que tutelava o duque não somente de estudante, mas sim também de coronel de um regimento dos *chevaux legers* em Ansbach. Além de Spreti acompanhava o duque ao Brasil o já mencionado Conde de Méjan, já com mais de 60 anos, chamado na família *Père* ou Papai Méjan, e devido à sua saúde abalada o seu médico particular Dr. Casanova. Méjan fôra, há muitos anos atrás, recomendado pelo próprio Napoleão ao seu filho adotivo como ajudante e conselheiro, posição que este após a morte de Eugênio conseguira fortificar, uma vez que a duquesa e naturalmente também o seu filho nada empreendiam sem o conselho deste, já que este possuía uma longa experiência e certa habilidade diplomáticas.

Em todo o caso, a viagem dos dois irmãos para o Brasil constituiu um acontecimento na Casa von Leuchtenberg. Uma parente, a eleitora Leopoldina escrevia após o casamento dela: “A Casa von Leuchtenberg, feliz em poder sacrificar uma filha à ambição, em podê-la chamar de imperatriz, parece ter atingido o apogeu de sua felicidade. Em todo o caso lá não é segredo que este acontecimento faz ressuscitar todas as antigas reivindicações de grandeza”<sup>20</sup>. Uma destas reivindicações era, que se

---

<sup>19</sup> Parece que Eugênio teve como filho adotivo de Napoleão o direito à alocação de Alteza Imperial, considerado intransferível.

<sup>20</sup> Adalbert, op. cit., p. 44 s. Além de “A Imperatriz” a fragata “Isabel” e uma corveta rápida formavam a pequena frota.



queria alcançar com o auxílio de Dom Pedro um título, que o rei da Baviera devia reconhecer, com a concessão do título de “Alteza Real ou Imperial” a Augusto. Em 2 de Agosto de 1829 o Duque assistira com toda a Corte e os parentes bávaros ao casamento de Amélia por procuração de Dom Pedro no palácio de Leuchtenberg, representando o tio Carlos, irmão da mãe, o noivo distante. A cerimônia celebrava o Núncio d’Argenteau, bispo de Tirus. Do lado brasileiro estavam presentes além do procurador imperial, o comissário Marquês de Barbacena, o ministro plenipotenciário em Paris, o Marquês de Resende, o comandante Verna Magalhães assim como o secretário da embaixada extraordinária, Oliveira. A mãe antes da partida recomendou ao filho e, com certeza, também à filha que nunca se esquecessem que por parte do pai eram franceses e por parte da mãe bávaros. Como a noiva desistira de toda a pompa e luxo, propostos por Dom Pedro para os festejos do casamento, Barbacena constituiu a pedido da noiva uma fundação de 40.000 florins para o orfanato de Munique, motivo por que essa cidade possui ainda hoje uma praça chamada Dom Pedro (Dom-Pedro-Platz). Logo após o assim chamado ato de entrega da noiva uma coluna de oito viaturas começou a movimentar-se sobre Ulm, Stuttgart, Mannheim, Koblenz, Colônia, Lovaina a Ostende, sendo a jovem imperatriz, que viajava incognito sob o nome de Duquesa de Santa Cruz, apesar disso cumprimentada em todas as cidades pelas autoridades e pelos parentes de acordo com a sua nova categoria.

No dia 23 de Agosto a caravana alcançou Ostende, de onde um vapor de luxo, alugado por Barbacena, os levaria para Portsmouth na Inglaterra. Durante uma violenta tempestade o vapor os levou para a ilha, onde já esperava a fragata “A Imperatriz” com os seus navios de comboio para receber a imperatriz e a sua enteada, Maria da Glória, a rainha de Portugal, afim de transportá-las para o Rio de Janeiro<sup>21</sup>. No dia 30 de agosto começou a travessia que seria extremamente rápida e feliz de maneira que passadas seis semanas, isto é em 16 de outubro os viajantes, já se encontravam frente à entrada da Guanabara. Durante a viagem Augusto e Amélia passavam o tempo estudando diariamente com a ajuda da pequena rainha a língua portuguesa. Augusto deixou-se também introduzir pelos oficiais

---

<sup>21</sup> Com Amélia seguiram a Baroneza Sturmfeder e uma senhorita Necker. Todos os demais acompanhantes dos irmãos voltaram de Ostende para Munique. Junqueira Schmidt, op. cit., p. 53, quer fazer crer que a imperatriz fôra circundada por um exame de senhoras bávaras, afirmação que não deve corresponder à verdade.

nos segredos da navegação e mostrar como se calculava a altura do sol e os graus de longitude. Quando se avistava o Cabo Frio um assim chamado “telégrafo óptico” por meio de sinalizações informava o imperador da chegada antecipada da pequena frota, de maneira que ele, frebrecitando de impaciência, embarcou no vapor que devia rebocar a fragata para dentro da Guanabara, subindo agilmente a bordo da “Imperatriz”. Augusto descreveu o primeiro face a face dos dois esposos: “A primeira conversação era, como facil é de compreender, caraterizada por um embaço. A presença da rainha e do Marquês de Barbacena contribuíram, no entanto, para o conhecimento mútuo”. Segundo outra fonte<sup>22</sup>, o imperador por excitação e provavelmente, também por desencanto agradável sobre a beleza da noiva, desmaiou levemente<sup>23</sup>.

O duque ficou entusiasmado coma a baía de Guanabara e manifestou-se no seu relatório sobre o Rio de Janeiro aos seus parentes da seguinte maneira:

“Quando a gente se aproxima do Rio as montanhas com as suas formas bizarras que o rodeiam, caiem na vista. Afirma-se que os contornos assemelham a um homem deitado, cujo nariz seria o Corcovado e cujos pés seriam o Pão de Açúcar . . .<sup>24</sup>; imagine-se aperceber-se duas correias de montanhas e uma floresta de matas que só levemente esconde as casas no fundo e que, quando a gente se aproxima, se reconhece os pavilhões de todas as nações . . . Imagina-se mais que esta paisagem está animada por uma imensa quantidade de pássaros novos para o europeu e uma grande quantidade de canoas, pirogas e chalupas que percorrem o porto de um navio para o outro, seguindo-se rapidamente, e a gente terá uma idéia dos sentimentos que comovem o europeu na sua chegada ao porto! No primeiro momento a cidade está quase coberta pela floresta dos mastros dos navios ancorados, mas logo se descobre a Igreja da Glória . . . e toda a cidade construída em forma de anfiteatro”<sup>25</sup>.

Sete fortalezas cobrem a entrada da baía, diz Augusto. Quando entramos no próprio porto para aproximarmos do arsenal e lançarmos ferro, todas as fortalezas e todos os navios deram as salvas de estilo que ecoavam mil

---

<sup>22</sup> Trata-se do acompanhante de Augusto, von Spreti, que deixou um minucioso relatório da viagem que o Príncipe Adalbert podia aproveitar, mas que, no entanto, não deixaram à minha disposição: Adalbert, op. cit., pp. 50 s.

<sup>23</sup> Dom Pedro era epilético (veja-se Oberacker, *A Imperatriz*, op. cit., pp. 48 s.) e teve muitos ataques (mais fortes).

<sup>24</sup> O Duque Augusto ilustrou o seu relatório por um croquis que mostra os respetivos contornos da serra.

<sup>25</sup> Adalbert, op. cit., pp. 49 s.

vezes das montanhas na baía. Agora vieram os cortezãos, os altos magistrados e oficiais a bordo para cumprimentar a noiva e os seus acompanhantes; também foram apresentados à nova imperatriz os seus outros quatro enteados dos quais Amélia se afeiçãoou logo cordialmente.

No dia seguinte por volta do meio dia voltou o imperador com os seus filhos e o seu cortejo a bordo para conduzir a noiva à Capela Imperial, onde repetir-se-ia a cerimônia do casamento. As ruas e os edifícios sitos a neste curto trajeto estavam ricamente ornamentados por flores, tapetes, panos e colchões coloridos; os diversos arcos de triunfo, devido à chegada antecipada da noiva, ainda não tinham ficado completamente ornamentados. O trajeto do arsenal até à igreja foi vencido por viaturas que, à exceção da do imperador eram antiquíssimas. Quando o imperador queria tomar assente no primeiro coche ao lado da noiva, o Marquês de Barbacena insistiu porém no seu privilégio protocolar de acompanhar a noiva até à Capela Imperial para entregá-la somente aí ao imperador<sup>26</sup>. Visivelmente aborrecido Dom Pedro teve que tomar lugar no seguinte coche com o Duque Augusto e Maria da Glória. Em frente da Capela Imperial esperava o bispo com os seus clérigos para conduzir o casal ao altar da igreja festivamente ornamentada e onde era posta a Guarda Imperial com as suas alabardas. Além das pessoas que tinham que participar do cortejo festivo havia na pequena capela sómente lugar para o corpo diplomático. Augusto encontrava-se como observador na tribuna imperial. O casal ajoelhava num colchão de veludo de cor encarnada diante do bispo. A cerimônia foi curta, mas o Tedeum, composto pelo próprio Dom Pedro não queria terminar. Augusto podia observar da sua tribuna, “que a imperatriz era muito devota, enquanto que o imperador parecia enfasiar-se por causa da duração” da cerimônia. Por seus muitos movimentos, nem sempre os mais decentes, dava vestígios significativos.

Da capela ia-se, passando por um antigo claustro à sala do trono no Palácio Imperial, onde após o beija-mão se jantava em diversas salas e por diversas camadas. De acordo com o costume brasileiro servia-se somente a sopa, enquanto que os outros pratos eram colocados aberta ou

---

<sup>26</sup> Adalbert, op. cit., p. 52 e Junqueira Schmidt, op. cit., pp. 40 s. A afirmação de Junqueira Schmidt, op. cit., p. 41, que Barbacena teria cumprido ordens da Princesa Augusta quando insistiu na entrega da noiva somente perante a entrada da Capela Imperial e que invocou precisamente tais ordens nos parece pouco provável. Teria sido uma provocação e ofensa para a qual não encontrei vestígio algum, nem no livro de Adalbert ou no relatório de Augusto.

cobertamente nas mesas para que cada um se servisse à vontade. Como tal costume era desconhecido dos hóspedes da Baviera estes não estavam satisfeitos, queixando-se disso de preferência o médico de Augusto, o Dr. Casanova, que fazia muita questão de uma boa mesa. O casal imperial permaneceu naquela noite no palácio da cidade, enquanto que as crianças imperiais foram transferidas para o palácio da Boa Vista em São Cristóvão. Para o Duque Augusto e os seus acompanhantes Dom Pedro destinara uma linda casa<sup>27</sup> perto do Palácio de Boa Vista. No entanto, mesmo quando já escurecia não aparecia viatura que levasse os hóspedes ao seu destino. O Conde von Spreti, encontrando o imperador sem cerimônia em calças de Nanking, perguntou pelo meio do transporte. Aborrecido corria este a uma das janelas e, proferindo injúrias obscenas, abriu uma ala dela e assobiou com toda a força em direção à estribaria da corte, e logo apareceu o coche desejado com quatro mulas. Com esta os senhores estrangeiros viajavam pela noite dentro e completamente no escuro, “tão longe como Nymphenburg a Munique”. Chegando-se ao alojamento encontraram o mordomo do pequeno palácio em embarço, pois não chegara ainda a bagagem, nem a criadagem. No dia seguinte, enfim, tudo encarrilhou-se.

A residência do duque<sup>28</sup> é descrita por Adalbert (baseando-se provavelmente no relato de Spreti) da maneira seguinte:

“O rés do chão era ocupado por uma grande sala de jantar. No primeiro andar morava o próprio duque e no segundo instalaram-se os seus senhores. De manhã bem cedo chegou também a criadagem, do mordomo até ao mais simples criado 32 de número. E uso no Brasil que todo o mundo trabalha tão pouco quanto possível, e que, no fundo, todo o trabalho é feito pelo negro. Somente na estribaria havia para 12 cavalos e outras tantas mulas 17 pessoas. Estavam elas (como todos os criados da corte) vestidos de verde com bordas douradas e nas cabeças tinham chapéus com bordas de prata. Quatro mulas destinavam-se para a viatura de dois assentos do duque, duas outras para um veículo menor. Três cavalos de sela estavam à sua disposição e três outros aos seus senhores. Um camareiro fora permanentemente destacado para dirigir a criadagem e otro para criado de Augusto. Também aquele morava na casa”.

---

<sup>27</sup> Esta bela casa na Rua Nova Dom Pedro adquirira, afirma Adalbert, op. cit., p. 54, pouco tempo antes de um médico. Segundo Alberto Rangel, *D. Pedro I e a Marquesa de Santos* (Alves 1915), p. 255, biógrafo da Marquesa de Santos, que o deve saber melhor, tratava-se de um dos muitos imóveis que o imperador comprara da Marquesa de Santos e que mais tarde transformou no Palácio da Rainha de Portugal.

<sup>28</sup> Adalbert, op. cit., pp. 53 s. e 57 s.

“Quando Spreti despertou ofereceu-se-lhe uma vista encantadora sobre o vale grandioso de São Cristóvão com as suas inúmeras casas de campo e jardins — os últimos na mais viçosa vegetação — de maneira que a imperial Quinta de São Cristóvão com toda a justeza se chamava a Quinta da Boa Vista, pois o vale se estendia até aos arredores da cidade, sendo limitado pela baía e a montanha do Corcovado. Um morro de rochas junto ao Saco do Alferes impedia a vista sobre a cidade e o porto. Do outro lado havia uma vista sobre o campo de São Cristóvão, o convento . . . agora quartel . . . situado numa colina e uma parte da baía com diversas ilhas. Todas as manhãs às oito horas apresentavam-se entre os caçadores imperiais de São Cristóvão um oficial, dois sargentos e 12 soldados rasos para o plantão durante 24 horas, que cada vez que o duque entrava ou saía apresentava armas. Um soldado ficava sempre de sentinela. O oficial participava das refeições e podia permanecer na antesala e o destacamento só na varanda”<sup>29</sup>.

Na manhã do dia seguinte do desembarque realizou-se a recepção pessoal do Duque von Leuchtenberg. Uma escolta de cavalaria acompanhava Augusto à cidade, onde foi solenemente recebido por uma companhia de granadeiros. As 12 em ponto começavam a trovejar os canhões e foi içada uma gigantesca bandeira com as armas imperiais. Em seguida o duque foi à sala do trono, onde se encontrava sentado na sala ainda vazia o casal imperial, junto de si os cinco filhos, rodeados de toda a corte, entre a qual deram na vista de Augusto principalmente as 30 damas de honor em seus vestidos brancos e dourados com caudas verdes, bordadas de ouro, e com toucados brancos guarnecidos de plumagem verde. Observando o jovem casal, o duque achava, como iria comunicar à mãe, que “l’un et l’autre” pareciam felizes e que a irmã tinha “une mine charmante”. Após 21 salvas começou enfim a cerimônia propriamente dita, o assim chamado Grande Beija-Mão, que foi iniciado pelo corpo diplomático e ao qual seguiam os brasileiros que esperavam densamente nas outras salas do palácio a sua vez. Todo o mundo, possuindo um fato ou vestido de algum modo aceitável podia participar do beija-mão. Consistia ele na aproximação dos congratulantes da direita, que passavam em fila perante o casal imperial, onde cada um dobrou um joelho para beijar a mão do imperador, da imperatriz, do pequeno príncipe herdeiro e das princesas. Para afastar-se em seguida na mesma ordem em que tinham entrado por uma porta ao lado esquerdo. Toda a cerimônia durou quase duas horas. Em seguida o casal imperial foi visitar a Igreja da Nossa Senhora da Glória que Dom Pedro

---

<sup>29</sup> Adalbert, op. cit., p.54.

e Dona Leopoldina tinham especialmente venerada durante a vida da última de maneira que sua filha mais velha até recebera o nome de Maria da Glória.

O casamento foi também oficialmente festejado durante quatro dias por iluminação da cidade. Acontecimento original foi o fato que dois soldados alemães a serviço do Brasil treparem ao íngreme Pão de Açúcar para executar no seu cume um magnífico fogo pirotécnico visto à grande distância<sup>30</sup>. Em lembrança ao seu segundo casamento e à beleza de sua nova mulher Dom Pedro fundou também uma nova ordem, a Ordem da Rosa, cuja divisa seria o lema da Casa de Beauharnais-Leuchtenberg: “Amor e Fidelidade”, lema cuja origem é geralmente ignorada. Rangel<sup>31</sup> anotou que a segunda parte desta divisa seria para Dom Pedro “um programa severo e difícil demais” e, de fato, também após o seu casamento com Amélia nunca seguiria estritamente. A rosa era, aliás, a flor predileta de Dona Amélia e a de cor de rosa a sua cor mais estimada, tal como o seu vestido branco de casamento fôra bordado com rosas em cor de rosa. A fita cor de rosa da ordem com suas estreitas listas brancas na margem possuía em toda a parte rosas cor de rosa de esmalte em redor da cifra dupla formada das letras A e P entrelaçadas entre si. A ordem possuía nada menos que sete classes. A mais alta pertencia uma corrente da ordem, cujas articulações representavam alternadamente rosas e a cifra dupla. A grã-cruz em brilhantes era uma estrela de seis pontas com o monograma duplo, em redor do qual se fechava uma coroa de rosas em cor de rosa com folhas verdes e na qual havia no verso em letras pretas e fundo azul a divisa<sup>32</sup>. Essa ordem, dizem, ter sido entre as ordens brasileiras imperiais aquela que, de preferência, na regência de Dom Pedro II era a mais outorgada.

Na tarde do dia do Grande Beija-Mão o Duque Augusto visitou com os seus acompanhantes o palácio de veraneio da Boa Vista. Estava ele situado numa colina suave no grandioso vale já acima descrito. A construção irregular fôra caiada de cor amarela. A uma torre de estilo mouro se encontrava uma asa com um andar. Recentemente Dom Pedro mandara construir outro pavilhão “em estilo italiano”, que, no entanto, a esse tempo ainda não era habitável. A fachada principal fôra acrescentada da parte de fora uma escada dupla, feita de pedras e munida de corrimões de

---

<sup>30</sup> Dalbian, *Dom Pedro I*, op. cit., p. 132.

<sup>31</sup> Rangel, op. cit., p. 255.

<sup>32</sup> Descrição de Adalbert, op. cit., p. 57.

ferro, e a qual conduzia diretamente ao primeiro andar. “Em meio de um amplo pátio com arcos grandes elevava-se um chafariz. Para lá levava do portão de entrada uma rua pavimentada e orlada de arbustos e flores de diversas espécies. Atrás do palácio havia um grande edifício para a estrebaria e do lado encontravam-se casas dispersas para as cozinhas e o pessoal. Ligavam elas o palácio com uma localidade não insignificante, onde viviam escravos e parte dos criados baixos, enquanto que a localidade de São Cristóvão estendia-se ao pé da colina e fóra do jardim. Parte deste jardim fôra projetado em ‘estilo francês’ com canteiros guarnecidos por arbustos de buxo. Também não faltava um parque de recreio de arbustos de roseiras. As sebes aos caminhos eram na maioria das vezes arbustos de cafeeiros e de algodoeiros cortados em distâncias regulares por laranjeiras. Havia ainda uma alameda de mangueiras grandes”<sup>33</sup>, únicas adoradoras de sombra.

No dia 19 o imperador festejava o seu aniversário com um grande Beija-Mão e uma revista de tropas, participando desta Augusto e Spreti a cavalo. Havia ainda o lançamento de uma corveta, que em honra da jovem imperatriz recebeu o nome de “Amélia”<sup>34</sup>. A noite o casal imperial apareceu no teatro. “Ele é”, diz o Duque, “quase do tamanho do de Munique, porém mais baixo e não muito bonito, o palco é muito menor. Foi citado um prólogo referente à monarca. A ópera e o balet (são) menos bons que os nossos”<sup>35</sup>. Passados alguns dias o casal que passara os seus primeiros dias da lua de mel numa “extraordinariamente bela casa campestre de Dom Pedro em Botafogo”, mudou-se para o palácio da Boa Vista:

Desde então o duque que morava bem perto, foi solicitado diariamente à mesa no palácio, conhecendo deste modo Augusto o seu cunhado melhor. Sobre as relações entre eles escreve o próprio duque: “Nos primeiros dias após a minha chegada as minhas relações eram da maneira como elas deviam ser, quer dizer do lado dele corteses e da minha respeitadas. Mas, mesmo mais tarde, não foram exageradas nem de sua, nem da minha parte; porém pouco a pouco elas tomaram o caráter de maior intimidade, e o imperador não tratou-me somente como cunhado e sim como amigo”<sup>36</sup>. Que de fato assim era, provam cartas conservadas do Impera-

<sup>33</sup> Adalbert, op. cit., p. 56.

<sup>34</sup> Octavio Tarquinio de Sousa, *A vida de D. Pedro I*, (Rio 1952), vol. III, p. 811 e Adalbert, op. cit., p. 57.

<sup>35</sup> Adalbert, op. cit., p. 57.

<sup>36</sup> Adalbert, op. cit., p. 62.

dor ao duque, nos quais ele se chama a si mesmo “vosso irmão e amigo” e até de “vosso amigo para a vida”, designações que possuíam o caráter de honestidade, o que é também alicável à frase: “Amo muito o vosso convívio”.

Em que medida o jovem duque, politicamente ainda sem experiência e a sua irmã, ainda mais jovem e menos experiente, contribuíram (como alguns historiadores têm afirmado) para a mudança do clima político, será difícil de verificar. Segundo Drummond de Vasconcellos<sup>37</sup>, José Bonifácio explicou à jovem imperatriz de 17 anos de vida a situação do país, rogando-a que se tornasse a medianeira entre o povo e o Imperador. Caso os irmãos tivessem contribuído de uma maneira importante para a formação do novo governo sob a chefia do Marquês de Barbacena e ao desterro dos impopulares amigos íntimos e portugueses do Imperador, Francisco Gomes da Silva, chamado o Chalaça, e João da Rocha Pinto, então com certeza não o fizeram sem consultar o seu mentor, o Conde de Méjan<sup>38</sup>, que lhes devia assistir em tais casos políticos. Mais confiança merece, no entanto, a comunicação de Adalbert que este homem com mais de 60 anos e conhecedor da política européia veio logo a tornar-se o favorito de Dom Pedro em assuntos políticos. De fato, Augusto escreveu (em 17. 11. 29): “Ele [Dom Pedro] é tão amável para com o Conde de Méjan quanto mais não podia ser”. Este Conde era, como toda a Casa von Leuchtenberg imbuído das ideias bonapartistas e defendia da mesma forma como o venerador de Napoleão, Dom Pedro, a monarquia constitucional; não é de admirar, pois, que ele conquistasse logo a confiança deste que ele, como observa Adalbert, solicitou a sua opinião referente à então atual questão portuguesa, já que o conde era de fato experiente na política da Europa. A jovem e inexperiente Imperatriz, no entanto, de acordo com Junqueira Schmidt, de modo algum podia contribuir algo para restabelecer a antiga popularidade do Imperador a não ser pela sua compostura e a maneira de se dar da casa imperial ao povo. Segundo esta autora Dona Amélia preferiu ao contrário de sua antecessora cercar-se de damas bávaras, tentando até introduzir como língua da corte o francês, fato que amargurou os cortejos da terra. Além disso acusa-a naquela sua biografia de ter pro-

---

<sup>37</sup> Drummond, Vasconcellos de: *Cartas Andradinas*, em: *Bibl. Nac. Rio*, 1890 e Adalbert, *op. cit.*, p. 59.

<sup>38</sup> Na sua carta à mãe (24. 10. 29) observa Augusto, que segue os conselhos do nosso bom amigo, o Conde de Méjan, “que aqui me são necessários”.



cedido com grande zelo para a (tão necessária) reforma da corte, fiscalizando também tudo e, especialmente, as despesas, e dificultando o acesso à corte e demitindo antigos criados de confiança<sup>39</sup>.

Dom Pedro mostrava-se naquela época do seu melhor lado; fato para que tinha sérios e fortes motivos, após a morte de Dona Leopoldina, da qual de modo algum estava inocente, e após os escândalos com a Marquesa de Santos assim como a recusa de mais de uma dezena de casamentos nas cortes européias. Parecia de fato, ter se decidido, como dizia franca e abertamente, de melhorar-se dos seus “erros” do passado e aos quais segundo as suas próprias palavras não voltaria mais, como o duque comunica à mãe (17. 1. 30). A sua jovem mulher, escrevia o irmão, amava de fato “loucamente”, ou como disse era “fou d’Amélie”. A sogra escrevera o próprio Dom Pedro que Amélia faria a felicidade sua, de seus filhos e a do Brasil, agradecendo-lhe “o anjo” que lhe enviou, fato que fez aquela verter lágrimas. E o próprio Augusto comunicou à mãe: “O Imperador é um belo homem, possui uma fisionomia móvel e espiritualizada. Aqueles que têm tido a honra de se aproximar dele, verificam dois pontos essenciais, um bom coração e sinceridade. Daquilo que estes outros dele afirmam tenho diversas provas”. “Do primeiro dia mostrou-se apaixonado por minha irmã e quanto mais passa o tempo, tanto mais ocupa-se dela e tanto mais está impressionado de sua graça, de seu bom senso e de sua cortesia no convívio. Ama todos os seus encantos, e observo para a minha satisfação que ele a ama devido à sua bela figura, mas também devido às suas verdadeiras qualidades”<sup>40</sup>.

Amélia “deve acompanhá-lo em todas as suas alegrias, em todas as suas decisões, em todos os assuntos; quer que ela veja tudo”. De uma só palavra, “ele lhe é totalmente dedicado, e se lhe falta alguma coisa, então seria o fato de ele não ter passado dois anos na Europa”<sup>41</sup>. Outrossim o Imperador gosta das crianças e é “o mais carinhoso de todos os pais”. A Marquesa se encontra longe, escreve Augusto, e também a sua filha, a Duquesa de Goiás, está afastada da cidade. Essa criança já não se achava mais na corte, quando Amélia desembarcou”<sup>42</sup>. A afirmação divulgada por Junqueira Schmidt<sup>43</sup> que o Imperador pretendia manter a sua filha

<sup>39</sup> Junqueira Schmidt, op. cit., p. 79 ss.

<sup>40</sup> Adalbert, op. cit., p. 57.

<sup>41</sup> Ibidem, p. 57.

<sup>42</sup> Ibidem.

<sup>43</sup> Junqueira Schmidt, op. cit., p. 42.

ilegítima na corte e apresentá-la à sua nova esposa, exigindo esta corajosamente o seu afastamento não corresponde, pois, à verdade. Augusto escreveu até à mãe (19. 10. 29) que ele tinha agradecido em nome dela ao Imperador o afastamento desta criança do convívio dos filhos de Dona Leopoldina para acrescentar que “a ingênua Amélia teria sido, com certeza, muito espantada, se tivesse sido encontrada tal criança em sua casa”<sup>44</sup>, comunicação essa que parece provar, como já foi dito, que a Duquesa de Leuchtenberg nada contara à filha a respeito da vida anterior do Imperador.

Se o duque fala tão benevolentemente e sem a menor crítica de Dom Pedro então em primeiro lugar por este ter colocado em todos os sítios do palácio o retrato do seu pai<sup>45</sup>. O que, no entanto, impressionou ainda mais Augusto era, o fato de Dom Pedro o procurar pessoalmente em 5 de novembro para lhe entregar “um papel grande em que estava escrito que me concede a alocação Alteza Real ligado ao título de um Duque de Santa Cruz. Fiquei tão sensibilizado e surpreso que nem lhe agradeci . . . pois no dia anterior já me tinha distinguido com a grã-cruz da Ordem Pedro Primeiro. “A maneira amável de que acompanhara suas duas graças me sensibilizou ainda mais do que esta própria. Não lhe preciso dizer, boa mãe, que a imperatriz e o conde participaram deste assunto”, escreveu Augusto em 5. 11. 29 à mãe<sup>46</sup>. O essencial destas graças era a “Alteza Real” que lhe recusara, apesar de todos os esforços da Casa von Leuchtenberg, o rei bávaro. Por meio desta manobra pensavam obrigar o rei que, como tio, fizesse o mesmo, concedendo a Augusto o título que tivera o pai. Augusto dirigiu logo um correspondente requerimento a Maximiliano I, solicitando-lhe que reconhecesse o título brasileiro naturalmente inclusive a alocação tão ambicionada. Apesar de o próprio Dom Pedro apoiar tal pedido e a carta pessoal de Augusto, o rei não cedeu. Assim sendo, tal distinção brasileira ficara assunto interno da família Leuchtenberg<sup>47</sup>.

Nos dias seguintes às festividades o Duque Augusto visitou em companhia do Conde von Spreti a capital do país de que ele se manifestou da maneira seguinte no seu relatório:

---

<sup>44</sup> Adalbert, op. cit., p. 57.

<sup>45</sup> Ibidem.

<sup>46</sup> Ibidem.

<sup>47</sup> Observamos ainda que o Conde de Méjan recebeu “la croix dignitaire do Cruzeiro et le Cte. Spreti celle d’officier”. Adalbert, op. cit., p. 60.

“Ela possui [diz Spreti] 220.000 habitantes<sup>48</sup>. Os brancos formam a maioria, mas sendo eles tão preguiçosos para sair devido ao calor, encontram-se nas ruas somente negros, fato que incomoda um pouco a vista do viajante europeu. Tendo sido fundada, faz muito tempo, e como as casas no começo foram erigidas de acordo com as necessidades dos colonos e não de acordo com um severo plano, não se vê aqui prédios verdadeiramente belos. A residência [o palácio da cidade], o arsenal, algumas casas particulares de gente muito rica são as construções mais importantes na própria cidade. Na direção de Botafogo que é um subúrbio, onde reside a maioria do corpo diplomático, vê-se casas lindas com jardins grandes. Faz, no entanto, alguns anos que se fez muita coisa para o embelezamento da capital. As mais belas ruas do Rio são a Rua Direita que é muito larga e bastante comprida, e a Rua do Ouvidor, habitada quase somente por comerciantes franceses. Esta última é, entretanto, muito estreita; penso, por causa do calor, e para conseguir sombra com maior facilidade. A rua do Valongo sem que seja bela, possui um interesse especial para um estrangeiro curioso; é aqui que se vende os escravos. As praças mais importantes do Rio ficam uma em frente do palácio da cidade e do arsenal, outra em frente ao teatro, a maior é a Praça da Aclamação, anteriormente Campo de Santana. Esta é tão vasta que nela se pode fazer manobras com 10.000 homens. Há no Rio de Janeiro uma biblioteca e um museu. O teatro não deixa de ser bom, a sala da assistência mesmo numa das mais brilhantes capitais da Europa seria magnífica<sup>49</sup>. As ruas do Rio são geralmente imundas, pessimamente pavimentadas e muito estreitas; a imundície sobretudo é horrível. Caso cair morta uma mula numa rua um pouco afastada, ela fica lá abandonada até que os urubus vão devorá-la. Os porcos e as cabras contribuem para animar a cidade; apesar das proibições da polícia eles andam pelas ruas, dormindo muitas vezes ao lado dos negros que são ainda mais sujos do que aqueles e quase sempre deitados e estendidos ao sol para descansar. Em geral os ouvidos [trecho indecifrável] do europeu costumam a acostumar-se ao ruído dos cantos e gritos discordantes dos negros que se animam ao trabalho (sem nunca trabalharem bem) e à vista desses homens, na maioria semi-nús. As equipagens do Rio são nada elegantes. Uns poucos proprietários ricos . . . possuem viaturas a quatro rodas, os outros são todos pequenos cabriolets, puxados por duas mulas e acompanhados por um palafreneiro (muitas vezes negros da mesma maneira como os cocheiros) a cavalo ou a mula. Alguns estrangeiros têm cavalos à sua viatura. O Imperador serve-se deles, quando ele próprio guia e se serve de mulas quando vai à cidade de viatura.

---

<sup>48</sup> Quando Dom João VI se estabeleceu no Rio (em 1808) calculavam o número de habitantes em 50.000, na chegada de Dona Leopoldina (1817) já se tinham aumentado para 110.000. Multiplicaram-se, pois em 12 anos. E 20 anos mais tarde o número se tinha quadruplicado.

<sup>49</sup> Adalbert, op. cit., p. 17 e também p. 59. Confirma, p. 14.

Os cavalos não são belos e muito pequenos. Eles vêm do Sul ou de Minas Gerais e são em geral mal amestrados. Além disso quase não há brasileiro que não possua ao menos um cavalo para passear à tardinha; pensam exceder-se quando andam a pé. Julgo que não há gente mais mole e preguiçosa que os brasileiros. Outrossim acho que tal moleza provém do clima; pois, um europeu que vive aqui durante vinte ou trinta anos . . . [segue trecho indecifrável]. Os habitantes do Rio geralmente são feios. De 100 mulheres 95 são feias, 4 razoáveis e uma é bela”<sup>50</sup>.

O que, no entanto, interessava muito mais do que a cidade ao amante da natureza e ao amigo das ciências naturais, eram os arredores do Rio, cercados então ainda de matas virgens quase intactas. Quase diariamente saía Augusto a cavalo para enriquecer e completar as suas coleções de novos exemplares da fauna, flora, e de outros domínios da natureza. As mais belas localidades, escreve, “que vi, são São Cristóvão, Botafogo, Ponta do Cajú, a cascata de Tijuca e a Lagoa [Rodrigo de Freitas], onde se encontra o Jardim Botânico e a fábrica de pólvora”. Podemos supor que ia acompanhado do Conde von Spreti ou do próprio Dom Pedro ou até de ambos nas suas pequenas excursões a cavalo. Dom Pedro que nos primeiros anos de seu casamento com Dona Leopoldina ajudava muitas vezes a sua esposa a fazer coleções científico-naturais, sabia deste modo, como se colhiam plantas e flores e como se preparavam as aves, pequenos animais, insetos ou borboletas e aonde as achavam as mais lindas peças de minerais e madeiras. Consta em todo o caso que Dom Pedro, de fato, auxiliava o seu hóspede a aumentar as coleções começadas.

Quando se manteve com a família durante o verão nas montanhas da fazenda do Padre Correa andava pessoalmente munido de rede e caixa botânica pelas vizinhanças para alegrar com a sua safra o cunhado que já voltara ao Rio. Em 26 de fevereiro escrevia-lhe: “Fiz uma coleção de borboletas magníficas e de insetos. Ela não é muito grande, acho porém que colhi borboletas e insetos que o Senhor ainda não possui”<sup>51</sup>. Augusto entusiasmava-se da natureza do país e escrevia à mãe (s.d.):

<sup>50</sup> Ibidem.

<sup>51</sup> Já durante a travessia do Oceano Atlântico Augusto começara as suas coleções. Assim conseguiu apanhar um peixe voador e acertar nas proximidades das Ilhas do Cabo Verde pássaros que pousaram no navio (Adalbert, op. cit., p. 47). Os interesses científico – naturais do Duque Augusto até hoje foram ignorados pelos historiadores brasileiros.

“Que país, esse aqui, minha boa mãe! E como gostaria levar todas as riquezas que a Natureza distribuiu aqui de mãos cheias, para Tegernsee e Biederstein. Não incluo nessas riquezas nem ouro, nem diamantes. Deus seja louvado que Você nada disso precisa, mas as lindas árvores, essas magníficas flores, essas boas frutas, essas aves, cujas cores são tão variadas e cujas formas são tão elegantes, é isso que iria agradar a Você e o que acresce a gente à paisagem que a rodeia e que Você iria amar”.

Já em meados de novembro, no dia 17, comunicou à progenitora que lhe ia enviar animais preparados do Brasil, solicitando-a de desencaixotá-los, e que ia arranjar exemplares ainda mais belos. No dia seguinte iria com o casal imperial e seus acompanhantes europeus visitar a Fazenda de Santa Cruz para se demorar aí até o dia 28 de novembro. De lá comunica no dia 21 à mãe que está continuamente ao ar livre para caçar ou em companhia do Imperador ou do Conde von Spreti. “A minha coleção de aves já se aumentou durante esta estada, mas como o meu caixote já está fechado, levarei provavelmente eu próprio tal exploração”<sup>52</sup>.

Augusto preparava uma viagem de caráter natural-científico pelas províncias de São Paulo e Minas Gerais que iria começar no dia 3 de janeiro e durar dois meses. Como companheiros de viagem ofereceram-se além do Conde Spreti o Marquês de Quixeramobim e um oficial francês a serviço do Brasil que era também um bom desenhista. Após a volta desta expedição que iria demorar até ao dia 3 de março para embarcar no Rio de Janeiro em fins de abril na corveta “Maria Isabel” que o Imperador prometera deixar à sua disposição para voltar para a Europa; durante a viagem iria interrompê-la cada vez por 15 dias na Bahia e no Pernambuco para conhecer estas cidades e suas vizinhanças.

Tais projetos do duque impediria o destino ou seja Dom Pedro. No dia 7 de dezembro o Imperador convidou, como com certeza o já fizera muitas vezes, o cunhado, a esposa, a sua filha mais velha assim como a Baroneza von Sturmfeder para um passeio de carro com o fim de mostrar lhes paisagens pitorescas nos arredores da capital, fazendo ele pessoalmente o cocheiro, animando continuamente os cavalos para a maior pressa possível. Na volta do passeio rompeu de repente uma rédea, motivo por que os cavalos se espantaram e dispararam. Em frente do palácio do Marquês de Cantagalo a viatura virou, despejando todos os passageiros para a rua. O mais ferido foi o próprio Imperador que quebrou duas costelas

---

<sup>52</sup> Adalbert, op. cit.

e desmaiou. Augusto fraturou o braço direito, deslocando o mesmo na parte superior de maneira que o Dr. Casanova devia endireitá-lo, pondo-o em gesso. A rainha de Portugal ficou com arranhaduras na cabeça e na cara, enquanto que a Imperatriz e a sua dama apanharam somente um susto. Os acidentados receberam os primeiros socorros na residência do Marquês de Cantagalo. Augusto em 1º de janeiro já podia escrever com muita dificuldade com o braço direito; durava, porém, dois meses até que o braço ficou completamente restabelecido. Desta maneira Augusto não podia montar a cavalo, fato que impossibilitou a projetada expedição científica pelo Sul do País e pelo Nordeste. Sem este incidente as coleções do Duque de Santa Cruz teriam sido muito mais amplas e completas e, provavelmente, ele teria hoje talvez o seu lugar entre os primeiros cientistas que exploraram o Brasil no campo das ciências naturais.

O fato de a população quase não ter tomado nota de um acidente não sem perigo para o seu monarca, mostrou à Imperatriz e aos visitantes bávaros a pouca popularidade que ainda restara ao Imperador. Somente ao grande baile de gala que o Imperador daria por motivo de seu restabelecimento, apareceram as damas e senhoras da mais alta sociedade. Cabia, aliás, a Augusto e à sua irmã, a Imperatriz, iniciar a festa por meio de uma valsa. No dia 2 de fevereiro o casal imperial com as crianças imperiais, acompanhados pelos seus visitantes refugiaram-se devido ao calor extraordinário no alto da serra, onde se hospedaram na fazenda do Padre Correa que ficava além da atual Petrópolis à beira da estrada que levava para Minas Gerais. “Du haut de la Serra”, escrevia Augusto em 15 de fevereiro: “Neste clima que (apesar de não ficar mais distante do que 12 milhas do Rio) se assemelha ao da Europa, caço muito (sem matar bastante)”. Aqui o Duque podia ampliar as suas coleções com exemplares de outras espécies. Mas já no dia 23 desceu de novo ao Rio, enquanto que o Imperador e a sua família permaneceram até ao 1º de março. Augusto tinha que tomar providências para a repatriação, isto é encaixotar devidamente os exemplares de suas explorações e de preparar o transporte dos animais vivos. Quão rico tinha sido o resultado de suas coleções científico-naturais, resulta do fato que escrevera para casa que precisava para a exposição de todas as coleções todo o pavilhão em Eichstätt para expô-las devidamente.

O Imperador tinha entretanto abandonado o seu primeiro projeto para a volta de Augusto — este, talvez aborrecido —, manifestou-se sobre este caso numa carta de escrita secreta, ilegível para o autor por não possuir

a respetiva chave. O duque agora devia viajar na fragata “Príncipe Imperial”, em que ia uma série de diplomatas e amigos pessoais de Dom Pedro, entre eles o Marquês de Santo Amaro que se encontrava na Bahia, donde devia primeiro voltar ao Rio de Janeiro. Assim a partida do duque foi sempre de novo prorrogado para que se pudessem preparar primeiro os viajantes destinados pelo Imperador, fato que aborreceu o duque tanto mais que o Conde de Méjan sofria pela sua idade avançada fortemente do calor e que o Dr. Casanova tinha diarreia de sangue. Assim sendo, Augusto só em 21 de abril se podia despedir da irmã, do cunhado e das pequenas princesas que muito dele gostavam devido ao seu caráter sempre alegre e disposto a brincadeiras. Então, com certeza, ignorava os laços estreitos que o iriam ligar anos mais tarde à filha mais velha de Dona Leopoldina.

No dia 23 de abril enfim, após um banquete festivo procedeu-se em Batafogo ao embarque de seus acompanhantes<sup>53</sup>. A viagem de maneira alguma decorreu tão agradável como a ida; houve tempestades e mortos. E quando o duque quis desembarcar em Brest, esperava-o ele, que tanto amava a França uma amarga decepção. Projetara passar pela França para conhecê-la melhor e para fazer uma visita a Carlos X e sua família. Em Brest, no entanto, recibia-o o subprefeito com uma comunicação do primeiro ministro francês, o Príncipe de Polignac, que dizia que ao filho de Eugène Beauharnais todos os caminhos pela França estão abertos, exclusive aquele que leva sobre Paris. Profundamente melindrado escrevia à mãe: “Esperava voltar *tout français* a Munique. Este sonho cuja realização teria feito a minha felicidade, desvaneceu-se . . . precisamente em França que tanto amo e onde viver teria sido o meu maior desejo”<sup>54</sup>. Que esta providência demasiadamente medrosa do governo tinha as suas razões fundadas mostrou-se na hora do desembarque do Duque Augusto, quando este foi cumprimentado por uma multidão de bretões como filho de Eugênio de Beauharnais e bonapartista. E enfim, o seu primo Louis Napoleão, menos estimado em França do que Augusto, tornou-se o imperador Napoleão III. Após a sua volta Augusto continuava primeiro o seu serviço militar entre os *Cheveaux legers* em Ansbach, para mudar-se, após

---

<sup>53</sup> Junqueira Schmidt, op. cit., pp. 75 s., afirma que o duque deixou o Brasil somente em 13 de abril de 1831, quando o cunhado e a sua irmã foram obrigados a abandonar o país na fragata inglesa “Volage”, ficando exilados na Europa.

<sup>54</sup> Adalbert, op. cit., p. 63.

a chegada de seus caixotes do Brasil, para Eichstätt, onde se dedicava inteiramente a seleção e exposição de suas coleções natural-científicas. Sobre o seu assim chamado Gabinete Natural-Científico Leuchtenberguense o Professor Franz Xáver Mayr ocupou-se pormenorizadamente em 1961<sup>55</sup>.

As coleções, aliás, já começara o pai de Augusto (†1824); seus filhos Augusto e Max(imiliano) que iria casar com uma grã-duquesa, mudando-se para Petérsburg (hoje Leningrado), as ampliaram muito por peças do Brasil e da Rússia. Acrescentaram-se ainda pequenas coleções privadas. O Professor Mayr constata no seu relato que a cidade de Eichstätt albergara na primeira metade do século passado “um grande tesouro” de fama mundial, assim chamado “Gabinete Natural Leuchtenberguense”. Referente à contribuição de Augusto observa que este desenvolvera no Brasil “uma atividade apoiada pelo seu cunhado Dom Pedro e por alguns cientistas naturais que com ele foram ao Brasil”. A última afirmação do Professor Mayr que o duque trouxera “alguns cientistas” ao Brasil em sitio algum achamos confirmada; ela sublinha, no entanto, o significado e a extensão da parte brasileira naquele gabinete.

Após o duque ter organizado cientificamente a coleção já existente e as peças que trouxera da América do Sul, deixou publicar em 20 de abril de 1831 um comunicado que o Gabinete Natural estaria aberto ao público. Do relato do Professor Mayr é difícil concluir pelos pormenores sobre a parte brasileira nas coleções; no entanto, cita aquele cientista uma frase desta publicação mencionada, afirmando-se aí que o Gabinete “em consequência do vivo zelo e dos profundos conhecimentos do augusto dono alcançou agora (isto é em 1831) um grau de esplendor e riqueza, especialmente quanto aos mais raros produtos do Brasil, que podia ser inserido entre as mais famosas organizações de seu gênero”, formando uma glória da cidade. O duque Max, irmão mais novo de Augusto, até empregou em 1844 um conservador especializado para o Gabinete.

Entre os mamíferos deste Gabinete parte, com certeza, e especialmente os macacos, tigres, morcegos, porcos de espinho, tatus, tamanduás, preguiças e marsupias provinham do Brasil. Ainda maior deve ter sido a percentagem dos pássaros, isto é “a verdadeira parte áurea da seção zoológica”; é o que se refere aos papagaios, tucanos e aos 360 colibris. Entre os

---

<sup>55</sup> Franz Xáver Mayr, “Das Leuchtenbergische Naturalienkabinett in Eichstätt”, separata do *Sammelblatt des Historischen Vereins Eichstätt* 68 (1975), p. 43–53.



animais de sangue frio os jacarés, as tartarugas e lagartixas etc. a maior porcentagem deve ter vindo do Brasil. As coleções etnológicas, as peças de uso diário e vestimentas dos aborígenes da América, Augusto deve ter arranjado no Brasil. Após a morte do Duque Max (1852) Eichstätt e com ela todo o Gabinete Natural passaram ao Estado da Baviera. A maior parte foi incorporada nas coleções naturais do Estado bávaro; somente uma pequena parte, e desta especialmente as duplicatas das aves brasileiras ficavam em Eichstätt e podem ser admiradas ainda hoje na Escola Superior Filosófica e Teológica (anteriormente Liceu Bispal). As coleções do Estado da Baviera e com elas a maior parte do Gabinete Natural de Eichstätt foram inclusive o famoso Palácio de Leuchtenberg destruídas em 1944 pelos bombardeamentos bárbaros contrário ao direito das gentes, tornando-os vítimas do fogo; salvaram-se poucos objetos que tinham sido transferidos para fora da cidade. Calculou-se que 80% das coleções do Estado (e com eles também as de origem Leuchtenberguense) foram destruídas então (o Professor Mayr supõe, aliás, que parte das coleções da Casa von Leuchtenberg, de preferência os minerais, possam ter sido levadas para Petersburg, Leningrado).

Referente ao destino posterior do Duque de Santa Cruz podemos acrescentar que, quando em 1830 por iniciativa secreta da França a Bélgica, isto é a parte Sul do então reino dos Países Baixos habitada por flamengos (germânicos) e valões (romanos), foi declarada independente, incorporando-se nela grande parte do Ducado de Luxemburgo, que então pertencia à Liga Alemã, o congresso da Bélgica o elegeu seu rei por 3.695 votos enquanto que os seus concorrentes, o rei da França Luís Filipe e o seu segundo filho, o duque de Namours, tinham que se contentar com menos de 600 votos cada um. Contra a eleição livre do filho de Eugênio de Beauharnais, o rei dos franceses, Luís Filipe, no entanto, protestou energicamente. Assim que o Congresso belga se viu obrigado a eleger seu rei o esposo da falecida herdeira do trono do Reino Unido, Leopoldo von Sachsen-Coburg, que se casou em segundas núpcias com uma filha de Luís Filipe. Augusto que tinha sido disposto a aceitar o trono belga, expremiu a sua nova desilusão com as palavras seguintes: "Queira o destino que a França encontrasse naquele que será eleito, um francês tão bom, como ela o teria encontrado na minha pessoa."

No dia 13 de abril de 1831 Dom Pedro que, após a morte de sua primeira esposa ficara, por causa de uma série de circunstâncias, cada vez mais impopular no Brasil, teve que renunciar ao trono brasileiro a favor de seu

filho e retirar-se para a Europa. Quando a Duquesa Augusta visitou a sua filha e o seu genro em Paris, este lhe deve ter falado da sua intenção de casar o filho dela com Dona Maria da Glória, logo que ele tivesse reconquistado o trono dela ao seu perjuro e desleal irmão. Apesar de não lhe desagradar o projeto, Augusta não estava entusiasmada apesar de sua ambição, já que tinha as suas críticas contra a princesa brasileira<sup>56</sup>: “Uma rainha”, disse, “necessita de tantas qualidades que nela não posso encontrar . . . o que podem os portugueses esperar de uma rainha que chega à maioridade com 18 anos, e que, há tantos anos, já é tratada como se fosse rainha!” Dom Pedro que aprendera a apreciar Augusto no Brasil, já voltava a este projeto enquanto as tropas do irmão o tinham cercado no Porto, mandando solicitar ao duque que viesse acompanhar a irmã de Paris para Portugal, onde ficaria para casar com a rainha. O Duque de Santa Cruz, no entanto, não estava disposto a aceitar a proposta, pois opinava que uma menina de 14 anos não estaria em condições para uma escolha desta natureza, e também porque o papel de consorte de uma rainha não lhe agradava. Pois, de fato, possuía ele na Baviera uma posição econômica independente e politicamente eminente como primeiro par do reino de maneira que podia dizer de si mesmo: “Se eu casar a rainha (de Portugal) não quero ser um nulo”<sup>57</sup>. Quando enfim, após sangrentas lutas, Dom Pedro entrou vencedor em Lisboa, pediu de novo ao seu cunhado que aceitasse o projeto.

Augusto foi de fato a Le Havre, mas só para despedir-se da irmã, sendo-lhe desta vez o governo de Luís Filipe contrario, quando o expulsou do país, pois temia-o como candidato a imperador. Dom Pedro, agora regente em nome da filha em Portugal, insistiu no plano, perseguindo-o teimosamente até à sua morte. Escreveu ao duque que Portugal lhe deixou a escolha do esposo da sua filha, mesmo que, disse, a posição de um consorte-príncipe não lhe pudesse parecer desejável, a situação do país lhe deixaria um vasto campo de ação. Quando veio a falecer, em 24 de setembro de 1834, Dom Pedro deixou ao cunhado o seu cavalo de estimação e a sua espada da última campanha. Ao mesmo tempo obrigou no leito mortuário a sua esposa e o Marquês de Resende a comunicar a Augusto e ao Conde de Méjan que o seu último desejo tinha sido que o duque casasse

---

<sup>56</sup> Adalbert, *op. cit.*, p. 78.

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 97.

com a rainha de Portugal, para assistir a ela, à sua viúva, como à sua pequena filha num país estranho.

Para lhe pedir em casamento foi enviado a Munique o Marquês Ildefonso Leopoldo de Bayard munido de amplos poderes para a redação do tratado de casamento. Nesta situação difícil, o duque já não teve mais a possibilidade de rejeitar a oferta, porém mandou dizer ao Marquês de Bayard que não consentiria por ambição pessoal nem para cumprir o pedido do cunhado. Era que, “somente a defesa das novas instituições introduzidas por Dom Pedro contra velhos e novos inimigos seria decisiva para ele”<sup>58</sup>. Por este motivo o contrato devia conter a condição que lhe desse autoridade, assento e voto no Conselho do Estado. Maria da Glória aceitou sem qualquer objeção esta condição e escreveu-lhe que estaria convencido de ter feito a escolha acertada, seguindo o conselho paterno.

Em 1º de dezembro de 1884 realizou-se em Lisboa o casamento por procuração e no segundo dia do Natal chegaram a Munique o Marquês de Ficalho e Visconde de Basdea com cartas da noiva e da irmã; trouxeram mais o anel de casamento e todas as ordens de Portugal, acompanhadas de um retrato em miniatura da rainha. No dia 2 de janeiro o duque viajou para Lisboa, acompanhado do velho Conde Méjan passando pela Bélgica e Inglaterra, onde em 20 de março de 1835 foi recebido com o júbilo da população, e em março a rainha o nomeou marechal-general e comandante supremo da exército, motivo de debates desagradáveis e de ameaças no parlamento. Augusto já antes fôra nomeado par e membro da Câmara Alta e presidente da Academia das Ciências. Sentia-se feliz, pois as novas tarefas lhe proporcionavam ampla independência e atividade. Para casa escrevia que a rainha mudara a seu favor, que também crescera e se tornara mais bela. Que Maria o enfeitara. Que faria tudo para fazer a sua mulher feliz e para contribuir para o progresso do país.

No dia 23 de março o duque acompanhava a esposa — apesar de sentir dores de garganta — a uma corrida de cavalos. De noite ficou com febre, e os médicos o faziam sangrar. Sem explicações para a doença os médicos diagnosticavam “angina croupale”, e como a febre continuava a subir ainda mais, faziam outra sangria. Augusto era desde a sua juventude de constituição fraca, motivo de muitos cuidados e conselhos por parte de sua mãe. No dia 28 faleceu o duque de Santa Cruz no Palácio das Necessida-

---

<sup>58</sup> *Ibidem*, p. 101.

des com a consciência clara e após se ter despedido de todos que o rodeavam<sup>59</sup>. Foi enterrado no Panteon de São Vicente ao lado de Dom Pedro.

#### RESUMEN

Tras la muerte de su primera esposa, Leopoldina de Habsburgo, el emperador Pedro I de Brasil contrajo segundas nupcias con Amalia de Leuchtenberg, descendiente del hijastro de Napoleón, Alejandro de Beauharnais. Se esclarecen los motivos y la realización de esta unión morganática. En su viaje a Brasil, Amalia estuvo acompañada por su hermano, Augusto de Leuchtenberg, quien allí se dedicó a sus intereses científicos, reuniendo una considerable colección de historia natural. La estima personal de Pedro I por Augusto condujo a su casamiento con la hija mayor del Emperador, María da Gloria, después de haber subido al trono de Portugal como María II. Además de la exposición detallada de esta serie de circunstancias, esta contribución aporta un examen del panorama de la vida cortesana y ciudadana en Río de Janeiro.

#### ZUSAMMENFASSUNG

Nach dem Tod seiner ersten Gemahlin, Leopoldine von Habsburg, heiratete Kaiser Pedro I. von Brasilien in zweiter Ehe die von dem Stiefsohn Napoleons, Alexandre de Beauharnais, abstammende Amalie von Leuchtenberg. Die Gründe und das Zustandekommen dieser nicht ebenbürtigen Verbindung werden dargestellt. Auf der Reise nach Brasilien wurde Amalie von ihrem Bruder August von Leuchtenberg begleitet, der dort, seinen naturwissenschaftlichen Interessen nachgehend, eine umfangreiche naturkundliche Sammlung zusammentrug. Die persönliche Wertschätzung Pedros für August führte zu dessen Vermählung mit der ältesten Tochter des Kaisers, Maria da Glória, nachdem sie als Maria II. den Thron Portugals bestiegen hatte. Neben der ausführlichen Darstellung dieser Zusammenhänge gewährt der Beitrag Einsicht in Schilderungen des Hoflebens und des städtischen Lebens in Rio de Janeiro.

---

<sup>59</sup> Tanto Junqueira Schmidt, op. cit., p. 116 quanto Adalbert, op. cit., p. 108 repetem o rumor que o duque fôra envenenado por ordem de seu opositor, o duque de Palmela, que pretensamente queria casar o próprio filho com a rainha.